



LIVRO DE
CAUSOS e LENDAS

INSTITUTO

**Crescer**
Legal

OLÁ, LEITOR!

É com grande alegria que apresentamos este e-book, fruto do talento e da dedicação dos aprendizes de 2024 do Instituto Crescer Legal.

Em uma jornada repleta de imaginação e pesquisa, nossos jovens autores mergulharam no imaginário e na cultura de seus municípios, resgatando contos e lendas que, por vezes, estavam esquecidos.

Com palavras e ilustrações, eles nos convidam a embarcar em uma viagem no tempo e descobrir os mistérios que habitam essas terras. Cada história é um tesouro a ser desvendado, e você terá a oportunidade de conhecer personagens mágicos e acontecimentos extraordinários que moldaram a cultura de nossas comunidades.

Além dos contos e lendas, você encontrará um glossário que desvende o significado de palavras e expressões típicas de cada região. Essa iniciativa valoriza a diversidade cultural do nosso país e nos mostra como a linguagem é um reflexo da nossa história e da nossa gente.

Esperamos que este e-book desperte em você o desejo de conhecer melhor a sua terra e de compartilhar essas histórias. Afinal, é através da cultura que nos conectamos com nossas origens e construímos um futuro mais forte para todos.

Boa leitura!

NOVO CABRAIS

A LENDA DA BOLA DE FOGO



Aqui na região existem várias histórias da famosa bola de fogo, duas delas aconteceram nas terras do avô de uma aprendiz da turma e hoje vamos contar elas a vocês.

Há mais ou menos trinta anos atrás, estava acontecendo a comemoração de um aniversário na propriedade do avô da aprendiz, o senhor Cláudio Reinécio. A festa chegava ao final. Quando o aniversariante e seus quatro convidados restantes estavam sentados ao lado de uma taquaireira em uma noite de lua clara conversando tranquilamente, quando de repente, o céu se iluminou com uma luz muito forte, era uma bola de fogo.

Todos ficaram assustados e curiosos para saber o que era aquilo que caiu entre a divisa das terras do Cláudio e do seu vizinho. Dois dos convidados mais corajosos foram cavar no local que a bola de fogo caiu, mas eles sabiam que não poderiam contar aos demais, pois algo de ruim poderia acontecer. Sozinhos, agarraram uma pá e foram em direção ao clarão, e havia desaparecido.

Ao chegar, ficaram se revezando enquanto um cavava, o outro ficava de guarda. Quando já tinham cavado um buraco de cerca de dois metros de profundidade, uma mulher de vestido branco apareceu do lado do buraco e olhou para dentro apontando para algo.

O homem que estava de guarda acabou falando, para avisar seu irmão que tinha uma mulher ali, mas, na mesma hora que ele falou, a mulher desapareceu. Os dois assustados voltaram correndo para casa do Cláudio e contando essa história. O único que acreditou neles foi o avô da aprendiz, pois ele também viu o clarão passar. Alguns dias depois, em uma noite de muita chuva, caiu um raio exatamente no lugar onde a bola de fogo desapareceu, o raio até matou um coqueiro que estava ao lado.

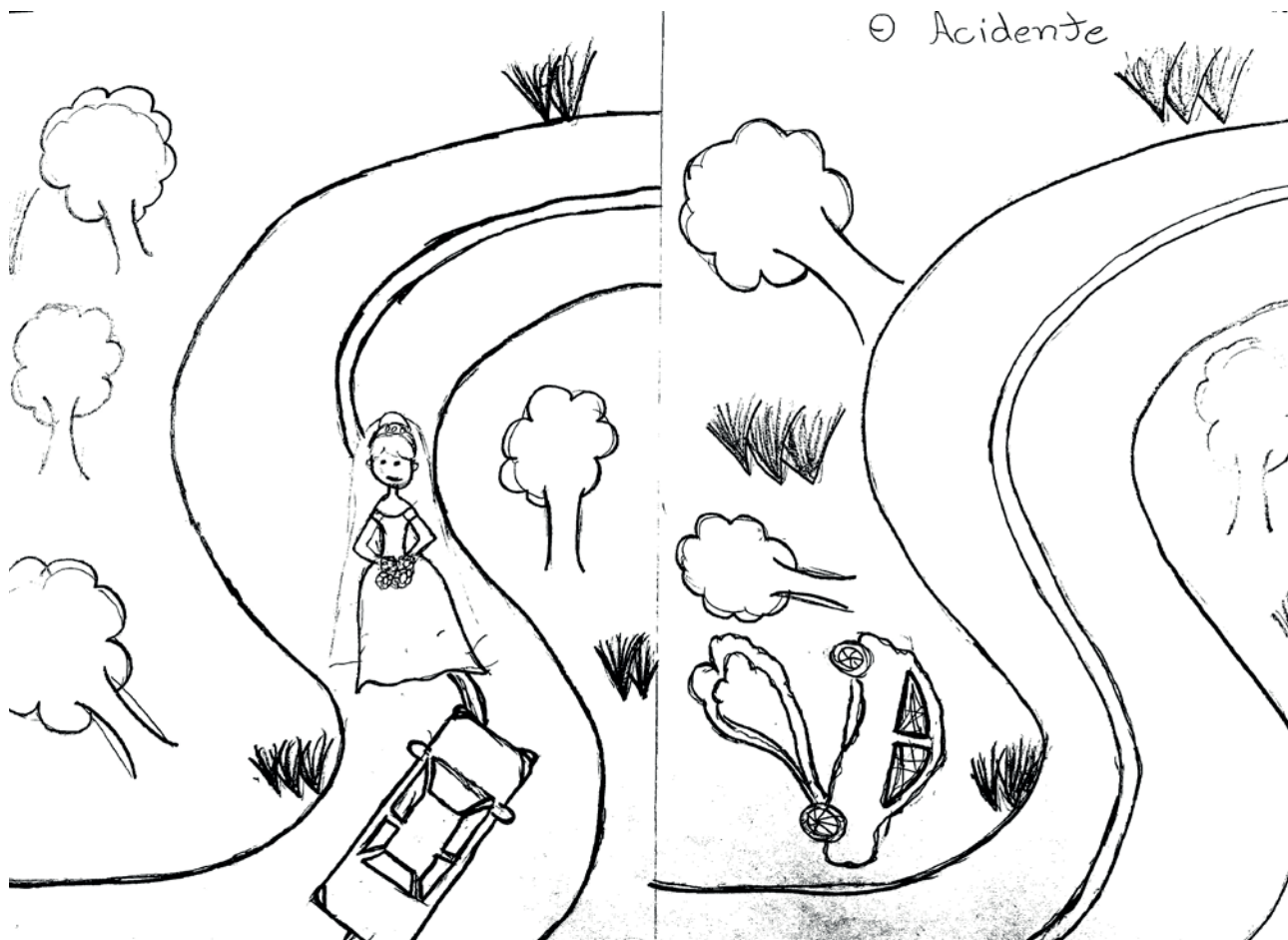
No mês seguinte, duas vizinhas disseram para o avô da aprendiz que elas tinham visto um clarão muito forte no potreiro dele, mas Seu Cláudio, como não queria saber de nada disso, apenas ignorou e seguiu sua vida. Já as vizinhas curiosas

resolveram ficar várias noites observando para ver se iria aparecer o clarão no mesmo lugar. Todas as vezes que apareceu foi exatamente no mesmo lugar. Então, elas combinaram na última noite que viram a bola de fogo, que, ao clarear o dia, elas iriam lá cavar para ver se achavam a panela de ouro.

Elas cavaram por uma semana inteira e não acharam nada, então desistiram. Até hoje tem este buraco de cinco metros de largura e três metros de profundidade no potreiro do Cláudio e depois disso nunca mais apareceu nenhum clarão.

AGUDO

A CURVA DA NOIVA



No dia do seu casamento, a noiva foi a um salão no município vizinho para se preparar para o casamento. O dia não estava como planejado, estava chuvoso, muita umidade. Mas, animada com o seu dia, a jovem foi até o salão, se arrumou, e voltou vestida de noiva e cheia de expectativas para a cerimônia de casamento.

A região que a noiva tinha que percorrer era de serra e o asfalto estava molhado, bastante escorregadio.

Na descida da curva, o carro derrapou, perdeu o controle e capotou, descendo o barranco.

O pior aconteceu! No dia do seu casamento, aquela foi a última viagem feita pela noiva. Acabou falecendo ali mesmo, no local, vestida de branco, de noiva.

Depois do ocorrido, todos os anos, na data próxima ao dia do casamento, a noiva aparece no local, sendo vista por quem passa na curva da noiva.

GRAMADO XAVIER

LENDA DO GRITADOR

Folclore regional, adaptação: Prof. Alex S. Rodrigues



Do imaginário surge o mito, a lenda, o surreal. Há muito tempo, numa época em que as terras da serra central ainda eram desbravadas e pouco conhecidas, surgiu uma história que está presente no imaginário das pessoas da região. Essa história ficou conhecida como a “Lenda do Gritador”, e, segundo contam,

aconteceu mesmo, em uma localidade do município de Gramado Xavier que até hoje assombra quem passa por lá.

Naquela época, poucas famílias viviam por essas bandas e, muito mais do que hoje em dia, as pessoas costumavam caçar animais para se alimentar.

Conta a história que certa vez um rapaz levantou cedo, pegou seus apetrechos de caça e sua espingarda, daquelas de um tiro só e que é recarregada pelo próprio cano.

Quando saiu de casa, assoviou e seus cachorros de caça o acompanharam. Andou um bom tempo pela mata, a qual conhecia como ninguém. Começava a chover quando avistou um veado.

Preparou a espingarda e correu atrás dos cachorros, que saíram em disparada atrás do animal. Acontece que depois de um tempo, por causa do barulho da chuva, já não conseguia distinguir de onde vinham os latidos dos cachorros. Ele parou à beira de uma sanga e acabou se perdendo.

O tempo só piorava e ele notou que a água da sanga começou a subir depressa, de forma violenta. Tentou sair pelo outro lado, mas por causa da chuva a enxurrada, abriu outra sanga com uma correnteza muito forte.

Sem saber o que fazer começou a gritar, esperançoso de que alguém o ouvisse e pudesse ajudá-lo. Foi em vão. Apenas seus cachorros o ouviram. Um deles até se jogou na água em direção ao dono. Mas foi levado pela correnteza. Os dias iam se passando e a chuva ora cessava, ora caía terrivelmente de novo e o rapaz sem

ter o que comer, gritava pedindo ajuda. E seus cachorros desesperados em ver o dono naquela situação, latiam à beira da sanga.

Após alguns dias o rapaz acabou morrendo de fome. E seus cachorros morreram junto com ele. Contam as pessoas que passam pelo local, que a alma do rapaz e dos cachorros continuam no lugar, gritando e pedindo socorro.

Portanto, se um dia você passar pela estrada do Gritador, grite e espere um pouco... Certamente ele gritará de volta.

VERA CRUZ

O BODE SOMBRIO



Conta-se que há muitos anos atrás, em um lugar chamado Vila Progresso, havia um vivente, também conhecido como “Cabelo”. Este homem tinha uma certa ligação com o capiroto. Supostamente, esse homem, ao ser possuído, passava a ter comportamentos estranhos, chegando a se expressar como um bode.

Perto de sua propriedade, morava uma guria, e a mesma, dentro da sua casa, conseguia ter total visão dos comportamentos do homem. Esse vizinho era muito solitário, ninguém sabia e nem comentava nada sobre a vida pessoal dele.

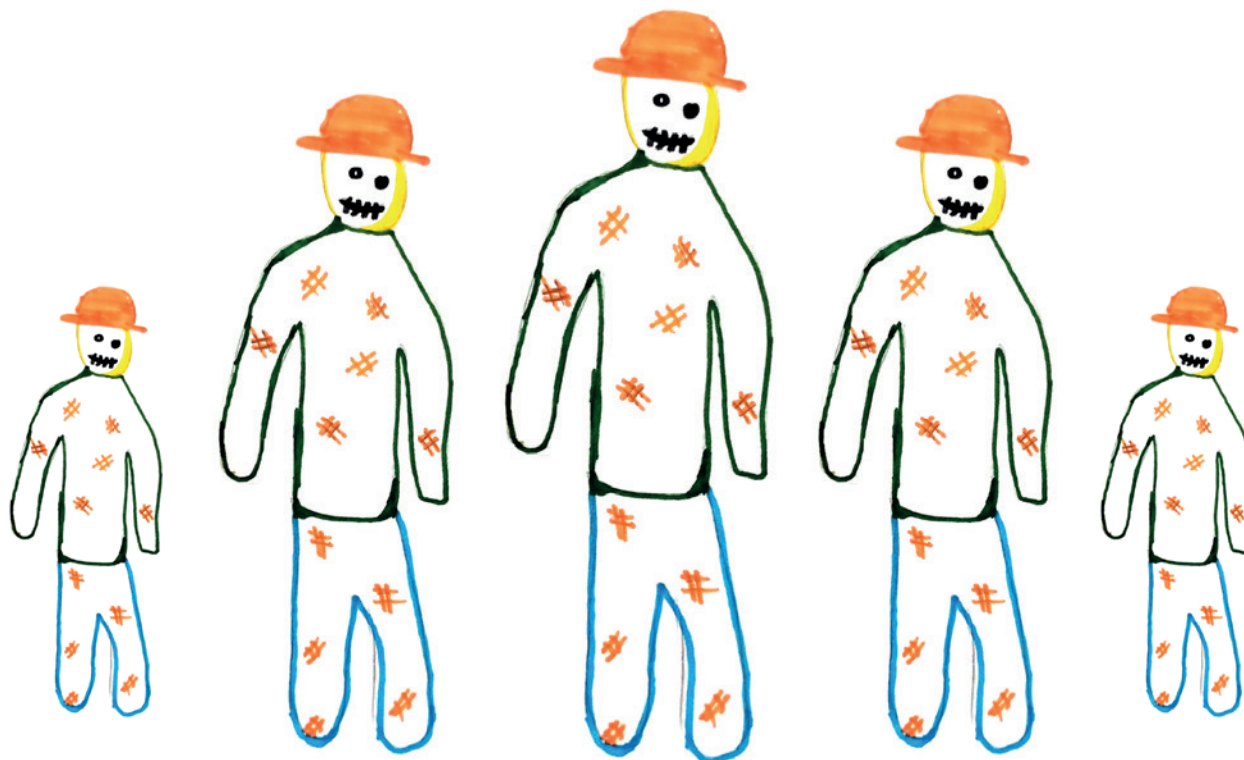
Perto de sua casa havia uma comunidade, onde tinham vários moradores, os mesmos viviam sob ameaça deste homem misterioso, ele os ameaçava dizendo: - espero que todos morram, vocês jamais escaparão da fúria “dele”. O vivente dizia essa frase, e deixava todos tensos e confusos, porém, não sabiam o que estava por vir...

A partir daquele dia tudo mudou, as noites se tornaram sombrias e o ambiente passou a ser assustador. Até que, certa noite, dois jovens estavam retornando de seu treino de futebol, e, de repente, um deles ficou muito tenso e com o semblante sombrio, transmitindo todo seu medo para o outro piá que estava, até então, tranquilo.

O primeiro guri parou em sua casa e se despediu de seu amigo dizendo: - tchau, vai com Deus! Nesse momento, seu cupincha com um olhar vazio respondeu: - tá bom. O guri deu os primeiros passos após a despedida e escutou um barulho, em seguida, travou, e não soube como reagir, depois se escutou o barulho novamente e saiu desesperado para procurar seu amigo. Após, conseguiu ajuda de alguns vizinhos para investigar o que havia acontecido.

Todos repararam e viram que, em meio àquela escuridão, havia algo que os assustava. No fim de tudo, uma imagem semelhante a de um bode apareceu na escuridão e correu em direção à casa do vivente, o Cabelo. Até hoje ninguém sabe o que realmente aconteceu com aquele homem. Os meninos nunca esqueceram o acontecido.

ITAIÓPOLIS JUDAS



Em uma pequena cidade no interior de Santa Catarina, em Itaiópolis, a tradição e o mistério se entrelaçam nas noites de Sexta-feira Santa. Nessa data sagrada, quando o silêncio envolve as ruas e o céu escurece em reverência, as famílias se reúnem para manter uma antiga lenda viva.

Toda Sexta-feira Santa, após o cair da noite, as pessoas da cidade criam um Judas, feito de roupas velhas, e saem pelas ruas malhando o boneco para representar o personagem que traiu Jesus Cristo naquela noite.

O som das pancadas e das risadas ecoa nas vilas enquanto os bonecos são levados de casa em casa. Aquele que recebe o Judas em sua porta, segundo a tradição, também recebe sorte e proteção para o ano que se inicia.

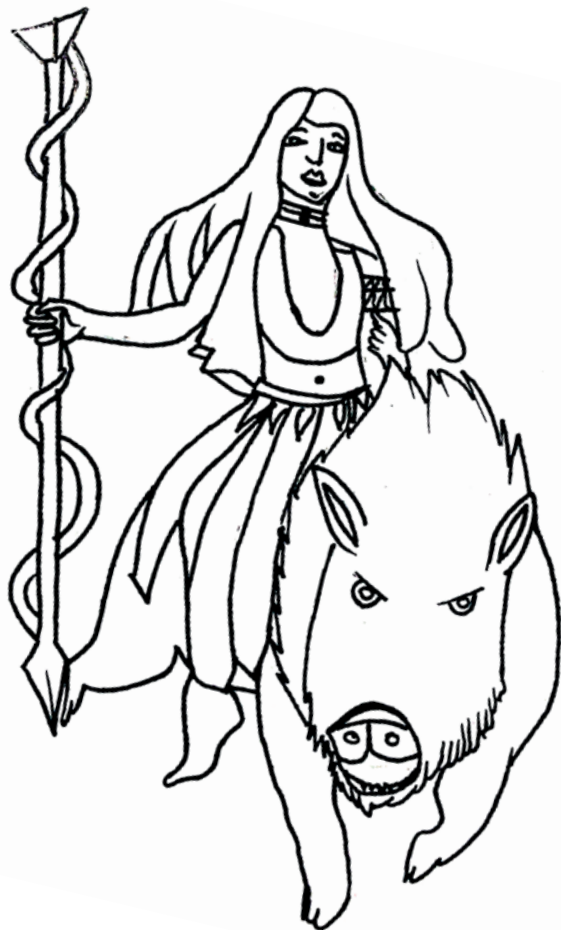
Na manhã seguinte, a cidade acorda com uma cena peculiar: os Judas malhados, agora enforcados, balançam ao vento nos postes, árvores, e até mesmo nas varandas das casas.

É um lembrete visível do ritual que ocorreu na noite anterior. Embora sinistro para os olhos de um forasteiro, para os moradores, aquilo simboliza a purificação e o renascimento.

E assim, ano após ano, a lenda do Judas continua... misturando fé, superstição e a crença de que, ao malhar o boneco, estão também expulsando as mágoas e os infortúnios, renovando suas esperanças para os dias vindouros.

SÃO JOÃO DO TRIUNFO

CAPORA



A palavra “Capora” vem do tupi-guarani e significa “habitante do mato”. Ela é considerada uma entidade guardiã da mata e dos animais, punindo aqueles que caçam sem necessidade ou destroem a natureza.

A Capora é vista como uma criatura travessa e vingativa, que pode pregar peças nos caçadores, desorientá-los na floresta, fazer com que se percam ou que suas armas falhem.

Em algumas versões, ela é capaz de ressuscitar animais mortos. Ela é geralmente descrita como uma pequena índia, com cabelos longos e escuros, e que anda montada em um porco-do-mato ou javali.

Uma das crenças populares em relação à Capora é que, para evitar sua ira e obter sucesso na caça, é preciso fazer oferendas, como deixar fumo de rolo nas trilhas da floresta.

Além disso, existe a crença de que às sextas-feiras, a Capora é mais ativa, e que nesse dia é melhor não caçar, para não desrespeitá-la.

SÃO LOURENÇO DO SUL

A VELHA DAS CINZAS



Certo dia, Ana estava dormindo quando de repente foi acordada com barulhos, do lado de fora da casa. Levantou e foi olhar o que era, mas quando olhou não tinha nada. Voltou com medo para o seu quarto, mas ainda em dúvida do que eram aqueles barulhos.

Não conseguindo dormir e ainda escutando barulhos, voltou para ver novamente o que era.

Quando olhou, avistou um monte de cinzas, com medo, voltou correndo para o seu quarto. Chegando lá, se deparou com seu maior medo: a velha das cinzas.

A velha das cinzas aparece quando crianças não lavam seus pés antes de dormir, portanto, lembre-se de lavar os seus pés todas as noites.

Caso contrário, ela visitará você!

DICIONÁRIO REGIONAL DO ICL

2024

SÃO JOÃO DO TRIUNFO - PR

PIÁ PANÇUDO: menino ou menina, pessoa jovem (moço ou moça) sem conhecimento ou experiência em algum assunto da vida e, mesmo assim, quer dar palpite, mandar VINA: salsicha

LOMBADA: as lombadas ou ondulações transversais, ou “quebra molas”, podem ser executadas em concreto asfáltico usinado a quente ou em concreto de cimento.

SETRA: badogue ou bodoque. Trata-se de um arco, com malha para atirar pedra ou pelota de barro

GELADINHO: se trata do “cruzamento de saco e picolé”, surgindo para os paranaenses o geladinho, ou para os gaúchos, o sacolé

SÃO LOURENÇO DO SUL - RS

MERECE: em vez de “de nada”, os lourencianos dizem “merece” em resposta a um agradecimento

FORNO DE RUA: “bakawe em pomerano ou Backofen em alemão” é um forno a lenha, construído no lado de fora de casa. Tradição trazida pelos imigrantes alemães/pomeranos

CLOROFINA: água sanitária. Muitos chamam assim devido a popularidade de uma marca local

COLINOS: creme dental, mas muitos chamam assim na região. Deve-se a uma marca muito conhecida do passado

MUMU: doce de leite. Porém devido a uma marca regional muitos chamam dessa forma

VERA CRUZ - RS

VIVENTE: homem

CAPIROTO: demônio

CUPINCHA: amigo

CUSCO: cachorro

ATUCANAVA: assustava

GRAMADO XAVIER - RS

PELEIA: briga

AVIO: isqueiro

TRINQUE: maçaneta

RABICHO: extensão elétrica

SE PUXAR: esforço

NÃO SE AFROUXA: não desistir

ITAIÓPOLIS - SC

PENAL: estojo escolar

CARTEIRA: mesa escolar

CHAVEAR: trancar a porta usando uma chave

VISAGEM: fantasma/espírito maligno

DIADJO E BABUCHA: avô e avó. Aplicação em uma frase: Meu diadjo e minha babucha moram perto da minha casa

AGUDO - RS

LAGARTEAR: descansar tomando sol

BERGA: bergamota/tangerina

BAGUAL: legal

JAGUARA: relacionado a pessoa, sem vergonha

BORBOLETEANDO: dar umas passeadinhas

NOVO CABRAIS - RS

CACETINHO: pão francês

BODOQUE: estilingue

SACOLÉ: uma espécie de picolé feito dentro de um saquinho

QUEBRAR O GALHO: fazer um favor

ARREGANHADO: exibido, sorridente

www.crescerlegal.com.br

 institutocrescerlegal

 instituto_crescer_legal

I N S T I T U T O


Crescer[®]
Legal